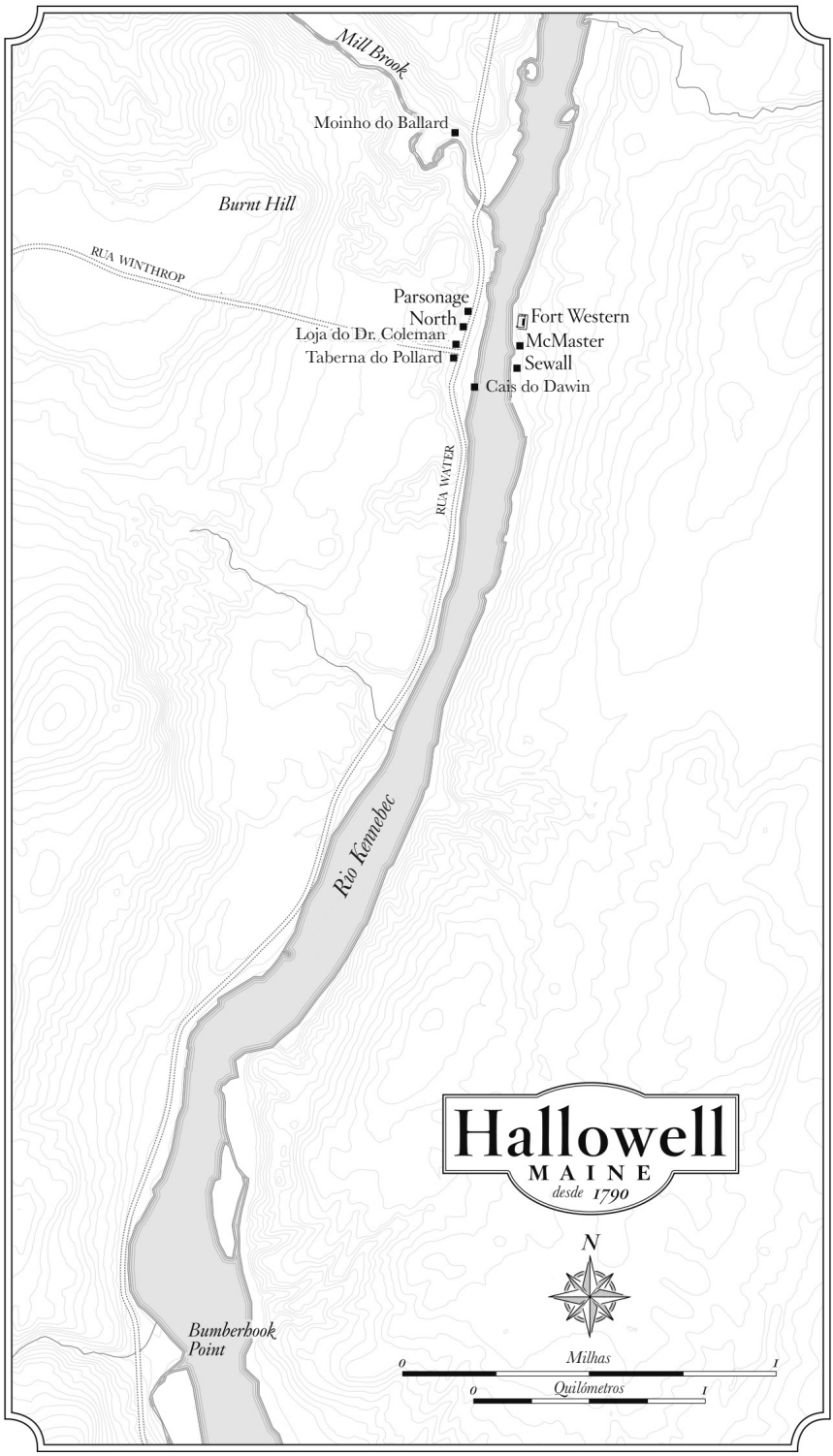
A minha mãe ensinou-me que as parteiras são heroínas.
A minha irmã permitiu-me presenciar o milagre.
O meu marido sentou-se ao meu lado e deu-me a mão.
Por estas razões, e por mais dez mil,
dedico este romance a todas as parteiras.

E Ela *sabe, porque o avisa, e os seus instintos nunca falham,*
Que a Fêmea da Sua Espécie é mais mortífera do que o Macho.

Rudyard Kipling, *THE FEMALE OF THE SPECIES*


Mill Brook
Moinho do Ballard
Burnt Hill
RUA WINTHROP
Parsonage
North
Loja do Dr. Coleman
Taberna do Pollard
Fort Western
McMaster
Sewall
Cais do Dawin
RUA WATER
Rio Kennebec
Hallowell
MAINE
desde 1790
N
Bumberhook
Point
0
Milhas
1
0
Quilómetros
1

1

UM ENFORCAMENTO

Novembro de 1789

A verdade virá à tona; o assassínio não pode ser escondido por muito tempo.

William Shakespeare, *O Mercador de Veneza*

O PASSADO É O PRÓLOGO

O corpo flutua rio abaixo. Estamos no final de novembro e o rio Kennebec começa a congelar, exibindo grandes placas de gelo a rodopiar e a colidir na água, que se vão amontoando em ambas as margens como dedos de gelo frios e translúcidos que se estendem, alcançando a corrente e agarrando tudo por onde passa. Já com a roupa encharcada e as botas de cabedal pesadas, o morto balança com a corrente, olhos cegos, a fitar a ténue luz da lua crescente.

É uma noite sombria, com um vento cortante e uma geada entorpecente. Quanto mais devagar o rio se move, mais depressa congela, prendendo-o no seu abraço lento, enquanto as dobras da camisa de linho rústica se desprendem como pétalas de uma tulipa murcha e já acastanhada. Há apenas uma hora, o seu cabelo estava penteado e preso atrás com uma tira de renda. Ele tinha levado a renda, claro, e é possível — afinal de contas, o destino é algo bastante frágil — que ainda *estivesse* vivo não fosse por essa escolha. Mas foi um insulto em cima da injúria. Já se travaram guerras por menos.

O homem morto queria sair daqui o mais depressa possível, já estava metido em demasiados apuros, e se tivesse sido mais cauteloso, mais paciente, teria ouvido os agressores na floresta. Teria escutado. Ter-se-ia escondido. Teria contido a respiração. E esperado que eles passassem. Porém, o homem morto era imprudente e impaciente. Ofegava. Deixara rastos na neve e não era difícil de encontrar. O seu cabelo soltou-se na luta e o pedaço de renda reclamado e metido no

bolso e, agora, aquele cabelo castanho como as margens lamacentas de um rio, é um emaranhado, parte colada à testa, parte na boca por um derradeiro suspiro assustado antes de ser atirado ao rio.

O seu corpo destroçado e quebrado é arrastado pela corrente por mais quatrocentos metros, até que o gelo se adensa e, com um gemido de cansaço, o prende a cinco metros da margem, com o rosto submerso a um centímetro da superfície, os lábios entreabertos e os olhos ainda arregalados.

A estação do gelo chegou um mês mais cedo à cidade de Hallowell, no Maine, mas o morto não podia sabê-lo, nem tão-pouco aqueles que aqui vivem, que o degelo só ocorreria dali a muitos e longos meses. Chamar-lhe-ão o Ano do Longo Inverno. Tornar-se-á uma lenda, e ele, uma grande parte dela. Por agora, no entanto, os vivos dormem seguros e quentes nas suas camas, com as portas bem cerradas contra a fúria precoce e selvagem do inverno. Mas se olharmos com atenção para a margem do rio, algo escuro e ágil move-se sob o luar. Uma raposa. Cautelosa, pousa uma pata no gelo. Depois, outra. Ela detém-se, pois conhece bem os caprichos imprevisíveis do rio que tudo pode engolir e levar para as suas profundezas agitadas. No entanto, o gelo resiste, e a raposa avança em direção ao homem morto. Arrasta-se até ao local onde ele jaz, sob o gelo. A pequena e inteligente criatura observa-o, com a cabeça de lado, mas ele não lhe retribui o olhar. Levanta o nariz para o céu. Percebe o perigo. Inala o odor pungente da geada e dos pinheiros ao longo do rio e, mais ao longe, um ténue cheiro a fumo de madeira. Satisfeita, a raposa começa a uivar.

A FORJA DO CLARK

QUINTA-FEIRA, 26 DE NOVEMBRO

— Não precisas de ter medo — digo à Betsy Clark. — Em todos os anos em que assisti a partos, nunca perdi uma mãe.

A jovem mulher fita-me, com os olhos arregalados e o suor a brotar-lhe das têmporas, e concorda com um aceno. Mas ela não acredita em mim. Nunca acreditam. Todas as mulheres em trabalho de parto suspeitam que estão a um passo da morte. É natural. E isso não me ofende. É a altura em que ficam mais vulneráveis, mas também mais fortes. Como um animal ferido, encurralado e desesperado, ela alterna entre contorcer-se ou atacar. Este processo de ter o corpo virado do avesso devia matar uma mulher. Ninguém deveria sobreviver a tal experiência. E, no entanto, milagrosamente, elas conseguem sempre.

O John Cowan, o jovem ferreiro aprendiz do marido da Betsy, veio buscar-me há duas horas, e eu disse-lhe que não havia tempo a perder. Os filhos da Betsy chegam ao mundo a uma velocidade invulgar e a um volume correspondente. *Banshees* a gritar, todos escorregadios e vermelhos. Mas são tão pequenos que, mesmo no termo, as suas nádegas cabem na palma da minha mão. São coisinhas pequeninas. O John seguiu as minhas instruções à risca, marcando um ritmo tão rápido que ainda sinto dores no corpo da nossa cavalgada frenética por Hallowell.

No entanto, mal chego e me concentro, percebo que o bebé já está a nascer. As contrações da Betsy têm um intervalo de trinta segundos. Esta criança, tal como as outras, tem pressa em saudar a mãe. Felizmente, ela está bem constituída para o parto.

— Está na hora — digo-lhe, pousando uma mão quente sobre cada um dos seus joelhos. Afasto-os gentilmente e ajudo a jovem mulher a levantar a camisa de noite, exibindo o ventre. Está rijo e encolhido no pico de uma contração, e a Betsy cerra os dentes, tentando não soluçar.

O trabalho de parto faz das mulheres autênticas aprendizes. Cada nascimento é o primeiro, e a única experiência vem daqueles que estão reunidos para ajudar. E assim a Betsy convocou as suas mulheres: a mãe, as irmãs, a prima e a tia. O nascimento é um ato comunitário e todas elas entram em ação quando ela perde a determinação e grita de dor. Elas sabem o que isso significa. Mesmo as que não têm uma função específica encontram algo para fazer. Ferver água. Cuidar da fogueira. Dobrar panos. Este é o trabalho das mulheres na sua forma mais primordial. Os homens não têm lugar nesta sala, nem *direito*. O marido da Betsy recolheu-se à forja, impotente, para derramar o medo e a frustração sobre a bigorna, batendo num pedaço de metal derretido até à submissão.

As mulheres da Betsy trabalham em conjunto, observando-me e respondendo a cada sugestão. Estendo a mão, e um pano quente e húmido é colocado sobre ela. Assim que limpo a última gota de sangue e água, o pano é arrancado da minha mão e substituído por outro limpo. A mais nova das parentes da Betsy, uma prima que não tem mais de doze anos, está encarregada de lavar os panos sujos, manter a chaleira a ferver e reabastecer a bacia de lavagem. Ela dedica-se à tarefa sem hesitação ou queixas.

— Aqui está o teu bebé — digo, com a mão sobre a cabeça escorregadia e quente. — Careca como um ovo. Tal como os outros.

A Betsy levanta o queixo e fala com a cara franzida quando a contração afrouxa o seu controlo.

— Isso quer dizer que é outra rapariga?

— Não quer dizer nada.

Mantenho o olhar firme e a mão suave sobre a pequena cabeça que se insinua contra a minha palma.

— O Charles quer um rapaz — afirma ela.

O Charles não tem voto na matéria, penso.

Outra onda brutal abate-se sobre a Betsy, e as irmãs avançam, erguendo-lhe as pernas e segurando-as.

— Quando eu disser, faz força — ordeno. — Um. Dois. Três. — Observo o ímpeto da contração à medida que ela aperta o abdómen. — *Agora*.

Ela sustém a respiração, inclina-se, e mais um centímetro da cabeça é revelado, com as pontas das pequenas orelhas a erguerem-se além dos limites do corpo. Não há tempo para recuperar o fôlego quando a próxima onda a atinge e, depois, lá vêm elas, implacáveis, umas atrás das outras, sem nunca afrouxar o controlo sobre o ventre.

A Betsy faz força. Respira fundo. Faz força de novo. Mais uma vez. E outra ainda. Alguém limpa-lhe o suor da testa e as lágrimas das faces, mas eu nunca desvio o olhar. Por fim, a cabeça passa. Avanço a mão, tapando uma bochecha e uma pequena orelha com a palma.

— Agora, só os ombros. Dois empurrões devem bastar.

No entanto, a Betsy está pronta para acabar com esta provação e dá o último suspiro das suas forças, obrigando as minhas mãos a agarrar a criança. Em seguida, deixa-se cair de costas na cama quando o bebé é libertado do seu corpo com um sopro. A única ligação que resta é um cordão prateado escorregadio. Um pequeno grito de indignação enche a sala, mas as mulheres da Betsy não aplaudem nem celebram. Ficam a olhar, silenciosas, à espera da minha declaração.

— Olá, pequenina — sussurro, depois ergo-a para a Betsy ver. — Tens outra filha.

— Oh — diz ela, desanimada, e levanta-se sobre os cotovelos para contemplar a criança.

Ainda há trabalho a fazer, e termino-o com diligência. Deito a menina na cama entre as pernas da mãe e corto o cordão umbilical

com a tesoura. Uma vez cortado esse laço primordial, amarro-o com um pedaço de fio. Depois, mergulho as mãos num balde, limpo-as e passo o polegar pelo céu da boca da bebé. Não há fenda palatina. Mais um pequeno milagre que registo mentalmente durante um parto bem-sucedido. Limpo o sangue e o vérnix do bebé, que se contorce e escorrega, enquanto observo a Betsy para confirmar se há sangramento. Nada parece fora do normal.

As mulheres da Betsy prendem-lhe o cabelo atrás, lavam-lhe o rosto e fazem-na beber chá morno. Ajudam-na a sentar-se e a vestir roupa limpa a fim de a preparar para amamentar.

— Olha como és bonita — digo à bebé, e depois acrescento: — Olha como és *amada*.

E peço a Deus que assim seja.

O Charles Clark desespera tanto por um filho — esta é a sua terceira filha em quatro anos — que a sua determinação pode muito bem matar a mulher se não tiver cuidado. Quanto à Betsy, ela está desesperada por agradar ao marido e nunca lhe dirá que não.

Como tudo parece em ordem com a mãe e a criança, envolvo-a em panos limpos e macios e entrego-a à Betsy. Ela coloca a trouxa ao peito e sibila quando a bebé começa a sugar o mamilo. Isso faz com que o seu abdómen se contraia mais uma vez, expelindo o que resta do parto. Até este pormenor me fascina, e inspeciono os resíduos à procura de irregularidades, certificando-me de que está intacto e que nada ficou para trás. Também isso é normal, e deito os resíduos no balde aos meus pés.

— Há uma última coisa — aviso.

A Betsy acena com a cabeça. Ela já passou por isto.

— Tem paciência comigo. São só uns segundos. Mas pode doer.

— Vamos lá então.

Massajo o abdómen da Betsy, rodando a palma da mão para um lado e para o outro, ajudando-o a contrair-se. A rapariga estremece, mas não grita. Depois, basta-lhe amamentar a criança.

— Que nome lhe vais dar? — pergunto.

— Mary.

Um nome que significa «amarga», penso, mas ofereço à jovem mãe um sorriso de aprovação, porque é o esperado.

As mulheres trabalham em conjunto para limpar a Betsy e envolver a zona íntima em panos limpos e secos. Estes serão mudados de hora a hora durante os próximos dias.

São quatro e meia da manhã — ainda faltam horas para o amanhecer — e as mulheres retiram-se para limpar o resto e também dormir o máximo que puderem. Elas virão em turnos cuidar da Betsy e das suas filhas durante a próxima semana. Será o único descanso que a jovem esposa do ferreiro terá.

Tiro o avental sujo, lavo de novo as mãos e prendo os fios de cabelo que se soltaram antes de me sentar na beira da cama para beber uma chávena de chá, agora frio, que me trouxeram quando cheguei. Durante alguns instantes, observo a mãe e a filha.

— Devo avisar o Charles de que está tudo bem? — pergunto.

— Sim — responde a Betsy —, mas não me diga se ele estiver zangado.

— Ele não tem o direito de estar zangado. Deste-lhe uma criança linda.

— Isso não importa nada, quer ele tenha *direito* à sua raiva ou não.

Respiro fundo e acalmo-me antes de a tranquilizar.

— Não te preocupes com o Charles. Eu trato dele. Desfruta da tua filha.

Os Clark vivem numa pequena cabana adjacente à única forja que existe em três condados. É uma caminhada curta, mas mesmo assim visto a capa de montar.

O ar gelado atinge-me como uma bofetada, demasiado abrupto depois do calor quase opressivo dentro da sala de parto. Queima o interior do nariz a cada inspiração. A noite está clara e fresca, a lua orgulhosa e altiva e as estrelas brilhantes contra um manto de céu escuro como tinta.

Não me dou ao trabalho de bater à porta da forja — o Charles não me ouviria com todas as marteladas — e empurro-a sem me anunciar. O marido da Betsy anda de um lado para o outro, murmurando maldições e preces. Está desamparado e é inteiramente culpado pela agonia recente da mulher.

O Charles levanta a cabeça quando entro no seu campo de visão e bate com o martelo de ponta cruzada sobre uma barra de ferro incandescente com tamanha força que sinto as vibrações através do chão. Cheira a metal quente e a barro cozido. A suor e a medo. Endireita-se, pousa o martelo e afasta uma madeixa molhada da testa. Está a perder o cabelo. Consigo ver as entradas em cada têmpora, o que o faz parecer mais velho do que os seus trinta anos. Cabelo escuro. Olhos escuros. Barba cerrada. A pirataria teria sido uma boa opção para o Charles se ele nunca se tivesse interessado pela forja.

Lança-me um olhar furtivo e depois desvia-o.

— A minha mulher está viva? — pergunta, depois aclara a garganta para esconder a emoção.

— Sim, claro. Ela está bem e saudável.

Acho que isto é o mais perto que alguma vez estarei de ver o homem a tremer. O alívio percorre-lhe o corpo, e os seus joelhos vacilam, mas recompõe-se e vira-se para mim.

— E a criança?

— Ela tem pulmões muito fortes.

A sua expressão não é tanto de desmoronamento, mas de completo colapso. Vejo os músculos do seu maxilar a trabalharem enquanto ele cerra e depois range os dentes. Finalmente, engole em seco e pergunta:

— A Betsy deu-lhe um nome?

— Mary.

— Eu esperava um filho.

— Eu sei.

— Por causa da forja. Preciso de ajuda. Eu… — O Charles detém-se, envergonhado. — *Amo* as minhas filhas.

— Eu nunca disse o contrário.

— Só que preciso de mais mãos. Há tanto trabalho para fazer. E queria ensiná-lo.

Não me dou ao trabalho de dizer ao Charles que ele não existe e que os bebés não ajudam numa forja, de qualquer forma. Levaria pelo

menos uma década até que um filho, se ele tivesse algum, pudesse dar uma pequena contribuição para o ofício da família.

— Tens a ajuda do John Cowan. E podes ter um filho. A Betsy ainda é jovem. Tal como tu.

O Charles assente, como se estivesse a decidir algo importante.

— Tentaremos com mais afinco da próxima vez. Certificar-me-ei disso.

Homem tolo!

Dou um passo em direção aos tijolos incandescentes e estendo a mão até repousar no antebraço do Charles. É musculado e marcado por cicatrizes, quente como o fogo. Qualquer pelo que um dia tenha crescido ali já foi queimado há muito tempo.

— Não durante vários meses — aconselho-o. — No mínimo. Se queres um filho, tens de dar tempo ao corpo dela para sarar. E mesmo assim, é Deus, não tu, quem escolhe o que vais ter. Compreendes o que estou a dizer?

— Eu não sou cruel — responde.

Apenas exigente e ingrato. Mas não o profiro em voz alta. Ele é o tipo de homem que ouve a verdade, mas só quando é dita indiretamente.

— Mas a Betsy precisa de mais do que isso neste momento. Precisa que sejas *gentil*. E paciente.

Como ele permanece em silêncio, aperto-lhe levemente o braço uma última vez e deixo-o a trabalhar. Tendo terminado o seu dever por esta noite, o John Cowan retirou-se para o seu sótão, no outro extremo da forja. O jovem é grande, tem a constituição de um boi e não é muito mais esperto. Por agora, está mergulhado num sono profundo e agitado, alheio tanto à nova vida que acaba de entrar neste mundo como ao som do martelo do mestre. Os dias do John são preenchidos pelo barulho de metal; por que razão haveriam os seus sonhos de ser diferentes?

Regresso à cabana, encontro um lugar vazio ao lado da lareira e deito-me na cama de palha que me foi reservada. Daqui a algumas horas, as mulheres da Betsy levantar-se-ão para cozinhar uma refeição em celebração desta nova vida. Este ritual é comummente observado

em Hallowell. Nasce uma criança e é servida uma refeição. Por vezes, é um banquete elegante estendido numa toalha de linho; outras vezes, uma oferta escassa e fria, preparada à pressa. Por vezes, durmo num quarto de hóspedes e, outras, não há lugar onde dormir. Já passei mais de uma noite sentada numa cadeira, a acordar sempre que a cabeça pendia. No entanto, esta noite é típica da maioria dos partos a que assisto. Uma casa modesta, um trabalho de parto normal, uma cama simples e, de manhã, um pequeno-almoço saudável.

Deito-me enrolada debaixo do meu manto, a olhar para as vigas toscas do teto e a escutar os sons à volta. Roncos, sussurros e murmúrios, enquanto as mulheres da Betsy se deitam para dormir. Quando os meus olhos começam a pesar, a porta da frente abre-se e o Charles percorre o chão que range em direção ao quarto. Tento ouvir o som da raiva, mas apenas capto um homem a sussurrar suavemente à mulher.

*

Ainda mal tinha fechado os olhos quando uma mão grande e calejada pousa no meu ombro e acordo. É o Charles, com uma lanterna na outra mão e a voz carregada de urgência.

— Senhora Ballard — sussurra ele. — Tem de se levantar.

Olho para o quarto onde deixei mãe e filha, em pânico por algo ter corrido mal durante a noite.

— Elas estão bem. — Ele aponta para a porta da frente. — Mas alguém veio falar consigo. Diz que é urgente.

Talvez tenha passado uma hora, no máximo, desde que adormeci. Sinto-me como se tivesse teias de aranha na cabeça e algodão nos olhos, mas ajusto melhor o manto de montar à volta dos ombros e sigo o Charles. A rajada de ar gelado é repentina e impiedosa, e arquejo, depois estremeço.

O Charles levanta a lanterna e reconheço o homem sentado no cavalo. É de meia-idade, de estatura média e pouco atraente, mas

não compreendo por que razão está aqui e não a meio caminho de Long Reach numa jangada com o meu filho.

O James Wall aparenta uma exaustão que só surge depois de uma pessoa ter estado acordada toda a noite sob um frio cortante. Tem os olhos vermelhos, o cabelo desgrenhado e a barba por fazer. Lambe os lábios gretados.

— Perdoe-me, Martha, não quero incomodar — diz ele. — Mas precisam de si na vila. *Imediatamente.*

— Pensei que tu e o Jonathan tinham partido há horas na jangada.

— E partimos — diz ele. — Mas houve um acidente.

RUA WATER

— O que aconteceu? — pergunto ao James assim que saímos da forja.

Demorei apenas um momento a verificar o estado da Betsy e a pegar no saco médico, enquanto o James selava o meu cavalo. O *Brutus* não lhe facilitou a tarefa e tentou morder-lhe o ombro.

Ele inspira tremulamente.

— Saímos do cais de Dawin ontem à noite, quando o gelo começou a formar-se. Eu, o Sam e o Jonathan. Havia ainda um canal aberto no meio do rio, com cerca de quinze metros de largura. Pensámos que teríamos tempo suficiente para levar as tábuas até Long Reach, mas o gelo fechou-se à nossa volta há uma hora. Nunca vi nada assim, senhora Ballard. Engoliu a jangada. Num minuto estávamos a mover-nos na corrente e, no seguinte, parámos. O Sam Dawin caiu ao tentar chegar a terra firme.

— Foi arrastado pela corrente?

— Quase. Mas conseguiu agarrar-se à borda. Apenas os dedos dos pés alcançaram o fundo. Sabe como ele é alto. Foi preciso algum esforço, mas retirámo-lo de lá. O Jonathan levou-o para casa a fim de pedir ajuda.

— Então é melhor voltarmos depressa — afirmo, fincando os calcanhares no flanco do *Brutus*. Ele avança a galope e demora apenas um momento até o James o apanhar.

— Peço desculpa, senhora Ballard, mas não vamos voltar para o moinho. O Amos Pollard mandou-me levá-la à taberna.

— E o que tem o Amos que ver com isto?

— Quando o Sam foi arrastado para baixo do gelo, viu um corpo. — Ele lê o meu olhar de espanto e explica: — Um homem. Morto. Congelado. Tirámo-lo. Eu, o Amos e mais alguns. É por isso que vamos para a taberna. O Amos insistiu para que visse o corpo primeiro. Antes de qualquer outra pessoa. Disse que a senhora teria um interesse particular.

Ao longo dos anos, vi mais do que a minha quota-parte de cadáveres, mas nunca classifiquei esse facto como um *interesse*. Por vezes, é uma necessidade; porém, jamais algo que me dê prazer.

O céu está a mudar de negro para um tom de estanho, e inclino a cabeça para estudar o perfil do James. Os lábios cerrados. As sobrancelhas franzidas. As mãos rígidas nas rédeas.

— O que não me estás a contar? Quem tiraram do rio?

Ele hesita e, após uma longa pausa, responde:

— É difícil dizer.

— Ou seja, não *queres* dizer?

— Significa que não *posso*. Não sei se alguém o pode fazer neste momento. — Ele engole em seco. — Houve alguns ferimentos… sobretudo no rosto.

O James Wall é um péssimo mentiroso. Essa capacidade demorará mais uma década a adquirir, junto com um pouco de experiência de vida. Mas consigo ver isso na forma como cerra o maxilar quando olha para a estrada. Não se trata de uma mentira, mas decerto de uma omissão.

— Então, está bem — respondo, com um tom sereno. — Quem *achas* que foi tirado do gelo?

A pergunta assusta-o e ele responde sem pensar nas consequências.

— O Joshua Burgess.

Oh.

Estou perplexa com o alívio — não, a *alegria* — que sinto ao ouvir esse nome. Que estranho milagre. Tinha esperança de ver o Burgess

a baloiçar na ponta de uma corda pelo que fez, mas morto é morto, e não fico triste ao ouvir a notícia. Continuo sem perceber porque me mandou o Amos chamar, e digo-o ao James.

— Há muitos… — ele faz uma pausa, sem saber qual a palavra apropriada — *danos*… mais do que apenas a cara dele, está a ver. Alguém terá de declarar a causa da morte. Para que seja oficial, no caso de haver um inquérito.

Lesões. Danos. Palavras diferentes, significados diferentes.

— E o Amos Pollard acha que o doutor Cony não está à altura do trabalho?

— O médico é conhecido por ser um bom amigo do coronel North.

A minha mente é rápida, ligando os pontos que ele mal teve tempo de traçar com a resposta cautelosa.

— Então *foi* o Joshua Burgess quem eles encontraram? E alguém matou-o?

Ele não responde. Em vez disso, a boca do James contorce-se enquanto tenta arranjar coragem para fazer a pergunta que tem estado a guardar.

— Acha que a Rebecca Foster diz a verdade? Sobre o coronel North e Joshua Burgess? — Ele parece embaraçado com a própria ousadia, e as faces, coradas pelo vento, ficam ainda mais vermelhas. — Acha que eles a violaram?

Mesmo agora, meses depois, a imagem da Rebecca Foster continua nítida na minha mente. Encontrei a jovem mulher sozinha em casa com os filhos, vários dias após a agressão. Como o marido não estava, ela fora uma vítima fácil. Tratei do lábio aberto, do olho negro, da face magoada. Inspecionei os hematomas escuros e roxos espalhados pelo tronco, braços, coxas, pulsos e tornozelos. Procurei por ossos partidos e cortes, mas encontrei poucos que pudesse reparar. Não há forma de reparar o tipo de danos que lhe tinham causado.

Já tinha visto nódoas negras assim. Sabia o que significavam. Dei banho à jovem e bonita esposa do pastor e ajudei-a a vestir roupas limpas. Envolvi-a numa manta. Depois, sentei-me e deixei a rapariga chorar no meu peito. Acariciei-lhe o cabelo e sussurrei-lhe

palavras reconfortantes. Esperei até que a Rebecca Foster se cansasse de chorar, e depois ouvi aquela horrível confissão para que ela não tivesse de carregar o fardo sozinha.

Ouvir é uma habilidade que se adquire com a prática. No decorrer de muitos e longos anos, sentei-me à beira dos leitos e em quartos, à espera de que as mulheres partilhassem os segredos que as levavam ao parto. Esses segredos vêm em ondas. Primeiro, a terrível admissão; depois, os atos mais pequenos e profundos que a antecederam. Um olhar roubado. Um toque secreto e erótico. Momentos de paixão e perda de controlo. Mas, às vezes — as piores —, é uma história como a que a Rebecca me revelou daquela forma quebrada e entrecortada há quatro meses. Volta e meia, o meu trabalho é sentar-me e ouvir os relatos de brutalidade e devassidão. De mulheres que confessam pecados que não cometeram. Ou que nem sequer acreditavam que pudessem acontecer-lhes. Atos contra os quais lutaram.

Naquela tarde, mantive-me quieta e calada. Incentivei a Rebecca com um ou outro aceno compreensivo de cabeça, em vez de palavras. Não, não podia falar. Naquele momento, não. Sabia que o som da minha voz a iria assustar e calar. E independentemente do que acontecesse a seguir, tinha a certeza de duas coisas: a Rebecca precisava de me contar tudo, e eu necessitava de saber quem devia suportar o castigo pelo que lhe fora feito.

— Sim — respondo ao James enquanto engulo o nó duro de raiva que me aperta a garganta. — A Rebecca diz a verdade. Acredito nela. Vi os danos que lhe causaram. Mas tinha esperança de que o Joshua Burgess fosse enforcado por isso.

O James olha para mim, com um ar sombrio.

— Não tenha tanta certeza de que isso não aconteceu.

TABERNA DO POLLARD

Está algo a arder. Sinto o cheiro a meio quilómetro da cidade, e temo, por um momento, que a destruição tenha seguido a morte até Hallowell esta manhã. No entanto, quando chegamos à curva, vejo que é apenas a taberna a deitar fumo espesso das duas chaminés de pedra empilhada. A madeira húmida nunca queima bem e o fumo espesso perfuma o ar, fazendo-me arder o nariz.

A Taberna do Pollard é um vulto escuro recortado no céu antes do amanhecer. Fica situada no cruzamento das ruas Water e Winthrop, a dois passos da loja do Coleman e do rio Kennebec. O edifício em si, um retângulo de dois andares concebido de forma simples com postes e vigas, muda de função consoante a necessidade: taberna, tribunal, loja, sala de reuniões ou, neste caso, casa mortuária.

Estas mudanças não são incomuns. Em setembro passado, a taberna serviu de quartel quando a milícia de Boston passou por Hallowell — o Gancho, como os locais chamam à nossa terra. Acamparam aqui durante quinze dias, a beber grogue e a dormir no chão, até poderem juntar-se ao seu regimento em Pittston. A taberna cheirou a estrume e a homens suados durante semanas. Nove meses mais tarde, a Sarah White deu à luz a filha, uma lembrança bastante inconveniente, mas decididamente permanente, da milícia de Boston. Ainda solteira, a rapariga tornou-se um dos temas favoritos

de mexericos entre as mulheres e, infelizmente, de interesse no meio dos homens. Tenho pena dela — rostos bonitos e infortúnio andam muitas vezes de mãos dadas —, mas nem por isso gosto menos dela. A Sarah é amiga das minhas filhas há muitos anos; portanto, mais do que ninguém, compreendo as inúmeras e injustas formas com que as mulheres se deparam durante o parto.

— Mais alguém sabe do corpo? — pergunto.

— Que eu saiba, não.

— Quantos homens foram precisos para o retirar do gelo?

— Sete. Todos eles escolhidos pelo Amos.

Que sorte, penso.

Um rápido olhar para cima e para baixo na Rua Water revela que os residentes de Hallowell estão certamente a pé, ou prestes a isso. As cortinas estão abertas nas casas, revelando a luz quente das lanternas, e as crianças apanham lenha debaixo dos beirais carregados de neve. Mais de uma dona de casa diligente está a varrer os degraus da frente enquanto abafa um bocejo. É apenas uma questão de tempo até que a notícia dos acontecimentos da manhã chegue ao coronel North — vejo o fumo a sair da sua chaminé, cinco casas abaixo — e depois atravessar o rio até Fort Western e ao Dr. Cony. Terei sorte se conseguir examinar o corpo antes que interrompam o meu trabalho ou o assumam por completo.

O James ajuda-me a descer do *Brutus* o melhor que pode — ele é uns bons cinco centímetros mais baixo do que eu — e amarra as duas rédeas ao poste. Tira o meu saco médico da sela, enquanto dispo o manto e as luvas de pelica que o Ephraim me ofereceu no Natal. Enfio-as nas aberturas da saia de montar, dentro dos bolsos que tenho por baixo, e adoto uma expressão de indiferença treinada.

O James abre a porta e faz-me avançar, segurando-me pelo braço.

— Entre.

Tenho o cuidado de não estabelecer contacto visual com ninguém na rua, para parecer que se trata apenas de uma visita matinal e *casual*. Subo os degraus da frente e atravesso a soleira da porta. Instala-se de imediato o alvoroço. Os homens levantam-se e começam a gritar.

Gesticulam. Apontam para uma porta nas traseiras. Três seguram canecas de sidra forte. Nenhum se lembra de me cumprimentar. Um já está bêbedo. O Chandler Robbins balança-se na cadeira com o olhar vazio de quem já bebeu muito e depressa.

— Silêncio — interrompo, com as mãos apoiadas nas ancas. Eles calam-se enquanto examino a sala e olho cada um dos sete homens nos olhos. — Gostaria de receber uma explicação, se não se importarem.

O Moses Pollard, um jovem de vinte anos, afasta-se do grupo e ergue o queixo. Tem ombros largos e cintura fina, e parece que com a idade só vai ficar mais forte. No entanto, quando fala, é com o tom suave e amável herdado da mãe escocesa.

— Obrigado por ter vindo, senhora Ballard — diz. — Ele está nas traseiras. O homem, quero dizer. O que tirámos do gelo. — O Moses lança-me um meio sorriso retorcido, também herdado da mãe, mas as suas palavras estão carregadas de desculpas quando acrescenta: — Não o quisemos pôr numa das mesas, já que íamos comer nelas em breve. Além das questões de limpeza, a minha mãe disse que assustava os clientes do pequeno-almoço ter um morto a olhar para eles enquanto comem as papas de aveia.

O Amos Pollard deixa cair um braço pesado sobre os ombros do filho e tosse, emitindo um som que tanto pode ser um grunhido como uma gargalhada. A sua voz, tão diferente da cadência fresca e leve do Moses, tem o tom gutural de um colono alemão de primeira geração.

— A minha mulher disse que me torcia o pescoço se eu os deixasse.

As mesas em questão são cerca de dez, e todas, exceto aquela à qual os homens se sentaram, estão limpas, com bancos por baixo e lanternas a brilhar calorosamente por cima. Cada uma tem capacidade para oito pessoas e, após décadas de uso, apresenta sinais de desgaste causados por pratos e cotovelos. Tal como acontece com a maioria das coisas na Taberna do Pollard, incluindo os proprietários, a sala é sólida e retangular. Lareiras abertas, suficientemente grandes para assar um novilho, situam-se em cada extremidade da sala, conferindo-lhe o aspeto do salão de uma antiga mansão inglesa.

O chão é de laje e está limpo. Cheira a cera de vela, a verniz de madeira e à refeição da noite passada — guisado e batatas.

O Pollard mais velho é um homem robusto, com um maxilar quadrado e mãos enormes. Dirige a taberna como se fosse uma pequena cidade, e ele o presidente da câmara, mas a mulher, a Abigail, é o verdadeiro coração do lugar, adorada no Gancho pela generosidade, pelo bom humor e pelos dotes culinários. De certeza que ela se mantém afastada dos assuntos sombrios que estão a ser tratados. A Abigail consegue matar, depenar, temperar e assar cinco gansos antes do almoço, mas não suporta a visão de sangue humano. Só conheci um punhado de mulheres assim e, normalmente, não tenho paciência para melindres, mas com a Abigail abro uma exceção, porque nela é cativante.

— Como posso ajudar? — pergunta o Moses, afastando-se do pai.

Ele está a tentar causar uma boa impressão. Já reparei na forma como olha para a minha filha Hannah, e desconfio que pensa em cortejá-la.

— Ainda não tenho a certeza. Preciso de o ver primeiro.

O Amos estala os dedos da sua enorme mão esquerda, um a um, e estremeço com o som seco, como se estivesse a partir ramos de uma árvore.

— Não é bonito de se ver, Martha — avisa ele.

Olho-o nos olhos e digo-lhe:

— Pouca coisa o é no meu trabalho.

O Amos leva-me para a sala das traseiras, mas quando passo pelo Moses, lanço-lhe um sorriso malicioso de aprovação. Quanto mais o conheço, mais gosto dele. Pode ser fisicamente parecido com o pai, mas herdou o coração e o jeito da mãe para lidar com as pessoas.

Carrego a mala médica num braço e a capa e o manto no outro. Os homens seguem-me, sentindo-se importantes por estarem incluídos, mas mantendo-se num grupo apertado. Revezam-se a murmurar banalidades enquanto se arrastam pesadamente pelo chão.

— Aposto que o Kennebec está congelado até Bath, ou perto disso.

— Sim, provavelmente uma dúzia ou mais de barcos presos até à primavera.

— O meu joelho está inchado por causa do frio. Não consigo endireitá-lo para cavalgar.

— Ouviste dizer que aquela mulher negra está de volta ao Gancho?

Este comentário interessa-me, e lanço um olhar rápido por cima do ombro para o Seth Parker — queria chamar-lhe a atenção, perguntar se a mulher estava bem —, mas ele está a olhar para a porta da arrecadação e parece não se aperceber de que fez a pergunta em voz alta. Estes homens podem ter feito o trabalho árduo de retirar um corpo do rio, mas a sua inquietação é evidente à medida que se aproximam da porta. Quando a porta do armazém cede com um gemido lúgubre, recuam todos.

Que horror! Abano a cabeça. *Homens e morte: culpados ou cobardes.*

Um retângulo de luz da sala principal ilumina o chão e a metade inferior de uma mesa onde o homem jaz, mas a forma em si é um amontoado escuro de membros curvados e roupas retorcidas e congeladas.

— Uma lanterna, por favor — peço, olhando por cima do ombro para o Moses. — Duas seria melhor.

Passou apenas um momento antes de ele regressar, com uma lanterna em cada mão. Os homens afastam-se para o deixar passar, e ele coloca uma lanterna em cada extremidade da mesa. A súbita luz quente proporciona-me a primeira boa visão do cadáver.

Duas coisas são imediatamente evidentes.

É, sem dúvida, Joshua Burgess.

E foi enforcado.

A luz não revela apenas o corpo, mas também toda a arrecadação. Os alimentos estão amontoados contra a parede, empilhados nos cantos e pendurados nas vigas. O contraste dos presuntos pendurados no teto com o corpo estendido sobre a mesa provoca-me um calafrio. É o suficiente para fazer um dos homens atrás de mim engasgar-se.

Ignoro os passos que se afastam, o remexer inquieto, o silêncio súbito quando me aproximo da mesa. Ignoro tudo exceto o abrandamento do meu pulso e a quietude da mente — uma forma aprendida

de concentração em que ponho de lado a agitação, o medo e o caos. Respiro fundo pelo nariz e sinto os cheiros a óleo de lamparina, cebola e sal, mas não os de sangue, podridão ou vómito, e pouso o saco médico e a capa de montar no chão. Depois, desaperto os botões de cada punho e arregaço as mangas até aos cotovelos, primeiro a direita, depois a esquerda. No meu saco está um avental de linho limpo e bem enrolado. Está manchado pelo uso prolongado e macio devido à frequência de utilização. Tiro-o, passo-o sobre a cabeça e amarro-o atrás das costas. Faço tudo isto enquanto procedo a uma avaliação curiosa e circular do corpo.

— Moses?

Ele aproxima-se de mim.

— Sim?

— Preciso de uma bacia com água quente e panos limpos.

Ele pestaneja, confuso, depois abre a boca para falar, mas vejo-o debater-se com a pergunta. Ele não quer ser desrespeitoso, mas acha que o pedido é desnecessário. No final, profere uma palavra antes de eu o interromper.

— Mas…

— Sim. Sei que ele está morto.

— Então, por que razão o quer limpar?

É uma pergunta impiedosa, mas simples. Marca onde está a sua lealdade no escândalo que dividiu a nossa comunidade. Porque havemos de limpar o corpo de um criminoso? Um violador?

Vários grunhidos e murmúrios de assentimento vêm da porta atrás de nós. Aparentemente, os homens escolhidos pelo Amos Pollard para esta tarefa terrível desta manhã são todos defensores da Rebecca Foster.

— Não o vou limpar. Vou examiná-lo — respondo, com toda a naturalidade. — E faço-o porque é o meu trabalho.

Um olhar por cima do meu ombro mostra que as labaredas da lareira estão a aumentar, mas ainda vai demorar até que o calor chegue ao armazém. O frio parece húmido e maligno, como se pudesse infiltrar-se na minha roupa. Nos ossos. Por isso, esfrego as mãos no avental, gerando um pouco de calor com a fricção da pele e do linho.

Quando o Moses regressa com uma pequena bacia e um monte de panos limpos, decido pô-lo à prova. É um direito que me assiste enquanto mãe, e se ele quer casar-se com a minha filha, não pode mostrar menos coragem do que a Hannah numa situação como esta. Preciso que uma parte dele seja tão destemida como o pai. Ter o estômago fraco da mãe nunca será suficiente.

— Ainda queres ajudar? — pergunto, inclinando o queixo para o lado e lançando um olhar de desafio ao Moses.

A única manifestação de incerteza por parte dele é um trago longo e duro.

— Sim.

— Então podes ajudar-me.

Os seus olhos denotam desconfiança, mas acena com a cabeça. Isso é suficiente para me agradar, e retribuo com um sorriso largo e radioso. O gesto parece revigorar o Moses, que se endireita um pouco mais. O meu marido diz que não sou generosa com os sorrisos, que estes têm de ser conquistados, mas considero isso injusto. Normalmente, há poucos motivos para sorrir.

— O que posso fazer? — pergunta.

— Há uma tesoura na minha mala. Procura-a, por favor.

Ele encontra-a facilmente, depois coloca-se atrás de mim, um pouco de lado, pronto para receber mais instruções.

Os pedaços de gelo continuam agarrados ao cabelo e ao tronco do Joshua Burgess, mas começaram a derreter-se e a pingar, salpicando o chão de pedra ao meus pés. Afasto-lhe o cabelo da boca e ponho-o para trás, expondo a marca de nascença em forma de morango na têmpora. Não há como questionar a identidade do corpo neste momento. O Burgess é o único homem no Gancho com uma marca assim.

Partes da cintura da sua camisa e das pernas das calças foram cortadas quando os homens de Hallowell racharam o gelo. No entanto, é o pescoço partido e inclinado num ângulo nada natural que atrai o meu olhar. Há queimaduras de corda por baixo do maxilar e uma protuberância esbranquiçada e medonha, na traqueia, provavelmente resultante de um corte vertical no pescoço.

Mas onde está a corda?

— Moses? — chamo.

— Sim?

— Foste com os outros esta manhã?

— Sim.

— Havia uma corda à volta do pescoço dele quando o tiraram do gelo?

— Não me lembro de ver alguma.

— Pergunta aos outros, por favor.

Ele vira-se e sai da arrecadação, silencioso como um gato.

Ao longo das minhas quase cinco décadas e meia de vida, só vi outro homem enforcado, e ele tinha um aspeto muito diferente deste, mas, nesse caso, a queda não fizera o seu trabalho. Se for executado corretamente, um enforcamento parte o pescoço e oferece uma morte rápida, embora horrível. Quando mal feito, é uma sufocação lenta que deixa o rosto roxo e a língua e os olhos salientes. Os olhos do Joshua Burgess estão arregalados, mas o rosto denota surpresa, não estrangulamento. No entanto, o lábio encontra-se rachado e vários dentes estão partidos.

Ainda assim, devia haver uma corda. Os enforcados devem ser retirados, seja de uma forca, de uma árvore ou de uma ponte. O termo «peso morto» vem-me à mente quando passo o polegar sobre a pele esfolada do seu pescoço.

— Ninguém viu uma corda — diz o Moses, de novo.

Então, o assassino levou-a com ele.

Isso perturba-me, mas, por agora, ponho-o de lado.

O Burgess não é casado. Vive — *ou melhor, vivia* — numa pequena casa a cinco quilómetros da Rua Winthrop, num lote de terceiro nível. Esses lotes, os mais pequenos, os menos desejados e os mais afastados do rio, são normalmente atribuídos a homens solteiros ou antigos milicianos com poucos recursos e poucas redes de contactos. Desde que chegou a Hallowell, o Burgess não escondeu o desejo de obter um lote à beira do rio, a fim de se dedicar ao negócio das madeiras. No entanto, esses lotes são difíceis de encontrar e, segundo o Ephraim, já foram todos arrendados.

No entanto, o Burgess *tem* uma herdade, onde há uma série de animais que precisam de ser tratados, agora que ele morreu. Menciono isto ao Moses enquanto passo os dedos pelo couro cabeludo do Burgess, à procura de feridas que possam estar ocultas pelo cabelo comprido e sujo.

— Vou avisar o meu pai para ver se ele manda alguém buscá-los — diz ele.

O Moses regressa quando confirmo que o Burgess não tem lacerações no couro cabeludo.

— Ele mandou três homens levar os animais aos vizinhos. Também vão recolher todos os objetos de valor da casa e trazê-los para aqui, onde ficarão guardados até que a família dele seja encontrada.

Agradeço-lhe e preparo-me para a próxima etapa do exame.

— Tesouras — digo, estendendo a mão ao Moses.

Ele coloca-as na minha mão e depois aproxima-se. O metal é mais frio do que o ar, mas o peso faz-me concentrar na tarefa que tenho em mãos. Corto o que resta da camisola do Burgess e recuo meio passo para compreender o que estou a ver. Como estudante da anatomia humana, fico sempre espantada com as variações que o corpo pode assumir. Alto. Baixo. Redondo. Reto. Gordo. Magro. O Burgess não é alto. Tem um tamanho médio, ou menos, e é do tipo de pessoa que fica magra no inverno. No entanto, é talvez o homem mais peludo que já vi. Como é típico nesta altura do ano, deixou crescer a barba, mas o peito, os braços e as costas também estão cobertos de pelos escuros e grossos. Nada disto esconde os inúmeros hematomas horríveis nem as fraturas óbvias nas costelas, no braço e nos dedos. À primeira vista, parece que alguém lhe pisou a cara e o tronco com uma bota. Ao cortar-lhe as calças, vejo que os danos se estendem também às virilhas.

É nesse momento que as restantes testemunhas se retiram em massa, engasgando-se, praguejando e suando. Parece que, acusações de violação à parte, poucos homens suportam a visão dos genitais esmagados de outro homem.

Olho para o Moses à procura de sinais de angústia, mas ele mantém-se em silêncio, com um músculo a contrair-se ao longo do maxilar cerrado. Respira pelo nariz e tem os olhos desfocados. Pelo menos, não fugiu nem vomitou.

— Ele mereceu-o — sussurra o Moses finalmente. — Se ele tivesse magoado a minha irmã, também o mataria. E não me arrependeria.

Lavo o sangue e a sujidade do corpo exposto e congelado. Deixo que as exclamações e os comentários na taberna se dissipem. Ignoro os homens que se despedem. Não me assusto com o bater de uma porta, com um cão a ladrar ou com um homem a praguejar. Nem interrompo a inspeção meticulosa de cada nódoa negra, corte e ferida, mesmo quando ouço passos atrás de mim. A minha atenção permanece focada no corpo e no meu trabalho.

Passados alguns segundos, ouço o Moses a mexer-se desconfortavelmente ao meu lado.

— Senhora Ballard… — diz ele, com a voz mais aguda na última sílaba.

— O Joshua Burgess foi espancado, enforcado e atirado ao rio.

Aceno com a cabeça, limpo as mãos ao avental e afasto-me da mesa, satisfeita com a conclusão. No entanto, quando me viro para o Moses, descubro que ele está a olhar para a porta da arrecadação. Disse o meu nome em tom de aviso, não de pergunta.

— Creio que terei de ser eu a determinar isso.

Um jovem cavalheiro aparece à porta com um bom casaco e um sorriso presunçoso. Segura uma sacola de couro numa mão e um chapéu de feltro novo na outra. Tem a barba acabada de fazer e é bonito, mas de uma forma meticulosamente cuidada, que sempre me irritou.

— Quem é o senhor? — pergunto.

— Doutor Benjamin Page.

— Onde está o doutor Cony?

— Fora. Em Boston. Estou aqui no lugar dele.

— Não me parece…

— Asseguro-lhe, senhora…

— Ballard.

— É um prazer conhecê-la, senhora Ballard. — Ele inclina a cabeça, mas a sua voz denota desdém. — Asseguro-lhe que, como médico licenciado e recém-formado na Faculdade de Medicina de Harvard, sou mais do que capaz de realizar este exame.

As minhas mãos fecham-se em punho, mas forço-me a relaxar os dedos e deixo-as descair.

— Não é preciso, *doutor* Page. Porque eu já o completei.

Ele dá um passo em frente, exibindo um sorriso afetado.

— Por muito interessantes que sejam as suas observações amadoras, tenho a certeza de que não se importará que eu assuma o controlo a partir daqui.